

## RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Dando cumprimento aos preceitos legais e estatutários, vem o Conselho de Administração da **Ocidental – Companhia Portuguesa de Seguros, S.A.** submeter à apreciação da Assembleia Geral o Relatório e Contas referente ao exercício findo em 31 de Dezembro de 2008.

### 1. Enquadramento Geral da Actividade

#### *Enquadramento económico e financeiro*

##### **Economia Internacional**

Este ano fica definitivamente associado à propagação da crise do mercado de crédito hipotecário de alto risco norte-americano a demais segmentos de mercado, geografias e sectores económicos. A instabilidade financeira tornou-se denominador comum nos mercados e a degradação na actividade económica disseminou-se a países de elevado crescimento. A acção dos efeitos da globalização, mas em reverso, amplificou ajustamentos e precipitou a economia mundial num clima de incerteza e de aversão ao risco complexo e de difícil erradicação. O agravamento vertiginoso da conjuntura e o enraizar de um ciclo vicioso de reforço de estímulos negativos entre sector financeiro e actividade económica suscitou a intervenção coordenada de governos, bancos centrais e outros agentes económicos, através da adopção de políticas de estímulo à actividade e de suporte aos mercados financeiros sem precedentes que deverão começar a surtir efeitos ao longo do próximo ano. Contudo, não deverão evitar um ano de fraco crescimento económico mundial e de pressões desinflationistas, num entorno muito complexo e delicado no plano social, político e institucional.

Depois de vários anos de crescimento económico consistente a economia mundial enfrenta o risco de recessão e de deflação. As principais economias deverão registar uma contracção do PIB na ordem de 1% a 2%, em termos reais, em 2009 e as economias em desenvolvimento verão o seu contributo para o crescimento económico mundial substancialmente diminuído. Estima-se um aumento real do PIB mundial medíocre pelo padrão histórico. Num ambiente caracterizado pela redução da disponibilidade de fundos e de elevada aversão ao risco, economias mais dependentes dos fluxos de financiamento externo, na forma de investimento de carteira, investimento directo estrangeiro ou transferências públicas tenderão a apresentar uma maior dificuldade na sustentação dos ritmos de crescimento anteriores.

(variação em %)

#### **Crescimento real do PIB Desempenho e projecções**

|                     | 2007  | 2008 | 2009  |
|---------------------|-------|------|-------|
| Ec. Mundial         | 5,00  | 3,70 | 2,20  |
| Ec. Desenvolvidas   | 2,60  | 1,40 | -0,03 |
| EUA                 | 2,00  | 1,40 | -0,70 |
| UEM                 | 2,60  | 1,20 | -0,50 |
| Japão               | 2,10  | 0,50 | -0,20 |
| Ec. Desenvolvimento | 8,00  | 6,60 | 5,10  |
| China               | 11,90 | 9,70 | 8,50  |
| India               | 9,30  | 7,80 | 6,30  |
| Russia              | 8,10  | 6,80 | 3,50  |
| Brasil              | 5,40  | 5,20 | 3,00  |

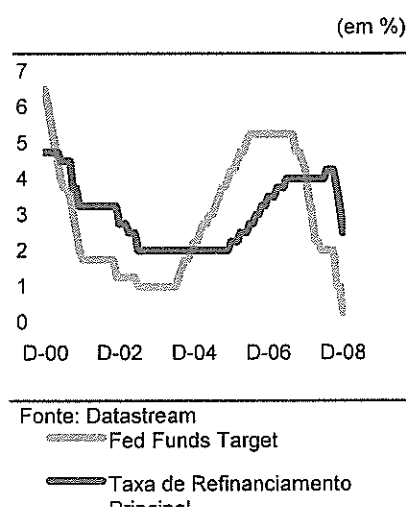
Fonte: FMI, actualização de Novembro

871

A política económica ao longo do quarto trimestre de 2008 adoptou uma postura de claro suporte à actividade económica, com intervenções directas em sectores mais vulneráveis. Findas as preocupações com as pressões inflacionistas e perante um ritmo de degradação intenso da actividade, os bancos centrais reduziram as taxas de juro de forma expressiva. No caso dos EUA e do Japão, para valores em torno de 0%, noutros países assumindo a possibilidade de seguir idêntico caminho ou, pelo menos, reduzir os níveis de taxas também de forma substancial. O deficiente funcionamento no mecanismo de transmissão monetária obrigou à adopção de políticas inovadoras. Enfrentando riscos sistémicos relevantes, e com o intuito de atenuar a fraca liquidez do mercado interbancário, os bancos centrais reformatarem a sua actuação no âmbito, forma, prazos e montantes de cedência de liquidez e estenderam a sua intervenção a outros mercados, incluindo a aquisição directa de títulos de dívida de prazo mais longo e emissão monetária alargada. A crescente integração dos mercados financeiros exigiu uma maior coordenação nas medidas tomadas e a implementação de mecanismos de apoio transnacionais, quer na disponibilização de liquidez em moeda estrangeira quer na ajuda financeira directa para fins de estabilização macroeconómica em alguns países europeus e asiáticos.

### Reduções agressivas nas taxas de juro

**Evolução das taxas directoras nos EUA (Fed Funds target) e na área do euro (taxa de refinanciamento principal)**



### Recessão no final de 2008, riscos para 2009 e esperanças para 2010

Os últimos meses de 2008 registaram um dos períodos de maior instabilidade dos mercados financeiros das últimas décadas, acompanhado por uma sincronização invulgar no grau de arrefecimento, acentuado, da actividade económica na generalidade dos países, com particular acuidade no comércio mundial. Perante a instantaneidade destes movimentos, o ajustamento nos planos de produção e a concomitante revisão de estratégias de negócio deverão acentuar-se ao longo dos primeiros meses de 2009, com repercussão negativa nos níveis de emprego, limitando no imediato uma melhoria da conjuntura. A actuação de estabilizadores automáticos, como a retracção no preço das matérias primas, a redução agressiva das taxas de juro e as medidas de intervenção directa em sectores económicos mais debilitados deverão contribuir para uma retoma económica e para a normalização do comportamento dos mercados financeiros a prazo, mas não são isentas de risco e com desafios importantes e invulgares na retoma do público pelo privado. Um enquadramento de débil crescimento económico, relativamente disseminado e com risco de agravamento apresenta-se propício à intensificação da concorrência e, eventualmente, à ocorrência frequente de fricções geo-políticas, dado o apelo a uma maior intervenção do Estado nas economias. Nestas circunstâncias, o comércio externo, a política cambial, ajudas ao desenvolvimento poderão retomar um estatuto proeminente na ordem económica e política mundial.

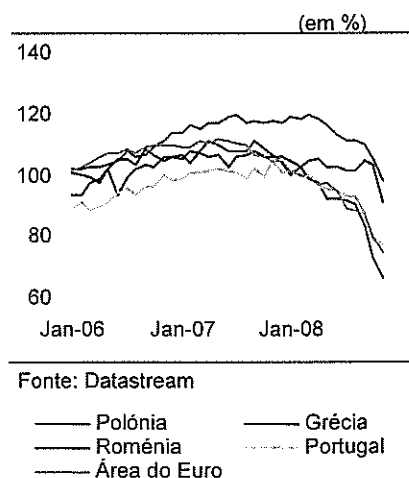
11/11

## Debilidade das Economias Europeias

As principais economias europeias apresentaram um abrandamento muito pronunciado no final do Verão, à medida que se intensificou a quebra nos fluxos de comércio mundial e se agravaram as condições financeiras nos mercados internacionais. As condições económicas no final de 2008, aferidas pelos indicadores de conjuntura, regrediram para níveis de há 20 anos. Ao mesmo tempo, os indicadores de inflação, contemporâneos e prospectivos, evidenciaram uma alteração dos riscos para a estabilidade dos preços de sentido contrário. Nestas condições, o Banco Central Europeu inverteu a estratégia, procedendo a várias reduções nas taxas directoras, de 4,25% em Julho para 2,5% no final do ano, tendência que se espera se mantenha no primeiro semestre. Para 2009, a procura interna apresenta limitações relevantes de crescimento: o receio de desemprego ameaça o consumo, a incerteza atenua a propensão para o investimento, os mercados exportadores apresentam-se fragilizados e a concorrência intensifica-se. Com um sector privado condicionado na capacidade de resposta, o impulso do crescimento reside na evolução dos gastos e investimento públicos, conforme os planos de estímulo negociados, em função da folga financeira disponível em cada estado membro.

### Retracção repentina na actividade económica nas economias domésticas europeias

índices de Sentimento Económico da Comissão Europeia



As economias domésticas foram afectadas negativamente pela conjuntura global desfavorável, com efeitos indirectos no nível de procura externa dirigida às empresas, e pela maior restritividade nas condições financeiras enfrentadas, contexto ampliado pelas debilidades económicas estruturais de alguns destes países: em Portugal e na Grécia, dificultando o financiamento regular dos elevados défices externos; nas economias da Europa de Leste pela reversão das estratégias de investimento de carteira de curto prazo; nas economias africanas pela alteração nas condições favoráveis presentes nos últimos anos nos mercados das matérias-primas.

### A Economia Portuguesa

A economia portuguesa terá registado um fraco crescimento em 2008, com o PIB praticamente a estagnar, em termos reais, face ao ano anterior. O crescimento tem-se apresentado muito dependente do impulso e das condições externas, decorrente dos níveis de endividamento elevados do sector privado, da folga orçamental reduzida e da elevada dependência energética do exterior. Os ganhos de competitividade obtidos nos últimos anos são pouco expressivos para contrariar a quebra da procura externa, apesar do esforço de diversificação das exportações, quer em termos de mercados de destino quer na composição dos bens e dos serviços exportados. Deste modo, a capacidade para desenvolver um processo de retoma económica autónoma

afigura-se limitado. Em contrapartida, a exposição directa a instrumentos financeiros complexos é reduzida e o crescimento económico, apesar de fraco, foi relativamente diversificado em termos sectoriais, pelo que o risco de sofrer um ajustamento específico é menor do que o enfrentado por outros países.

**Crescimento real do PIB  
Desempenho e projecções**

(variação em %)

|                    | 2008  | 2009  | 2010  |
|--------------------|-------|-------|-------|
| EU27               | 1.40  | 0.20  | 1.10  |
| Portugal           | 0.50  | 0.10  | 0.70  |
| Polónia            | 5.40  | 3.80  | 4.20  |
| Grécia             | 3.10  | 2.50  | 2.60  |
| Roménia            | 8.50  | 4.70  | 5.00  |
| Turquia            | 3.40  | 2.70  | 3.90  |
| África Subsaariana | 5.40  | 4.60  | 5.80  |
| Moçambique         | 6.00  | 6.30  | 6.40  |
| Angola             | 15.80 | 11.10 | 11.30 |

Fonte:  
Comissão Europeia e Banco Mundial, actualização de Novembro

O cenário mais provável será de uma recessão, em linha com o desempenho médio esperado para a Área do Euro. O principal risco advém da capacidade do sistema financeiro manter o nível de captação de fundos no exterior para colmatar a insuficiência da poupança interna, por forma a suavizar a incontornável transição para um regime mais equilibrado em termos do financiamento do consumo e do investimento domésticos. À semelhança da Área do Euro, as pressões inflacionistas deverão ser moderadas ao longo de 2009, reflectindo em simultâneo os menores preços da energia e um contexto de ampla folga produtiva, vertido na manutenção de taxas de desemprego relativamente elevadas.

***Enquadramento do Sector Segurador em Portugal***

O volume de prémios de seguro directo do mercado português em 2008 revelou um crescimento significativo relativamente ao ano anterior, cresceu mais de 12% e ascendeu a 15 mil milhões de euros, o equivalente a 9,1% do PIB português.

Este rácio, em relação ao PIB, que exprime a penetração da actividade seguradora na economia, alcançou mesmo o maior valor de sempre, superando o nível médio da União Europeia, que em 2007 se cifrava em 8,7%.

**Prémios de Seguro Directo (Milhões de euros)**

| Ramos        | 2008            | 2007            | 2006            | 2005            | Var.<br>08/07 | Var.<br>07/06 | Var.<br>06/05 |
|--------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|---------------|---------------|---------------|
| Vida         | 11.011,7        | 9.369,3         | 8.761,5         | 9.136,3         | 17,5%         | 6,9%          | -4,1%         |
| Não-Vida     | 4.323,8         | 4.381,6         | 4.361,3         | 4.307,9         | -1,3%         | 0,5%          | 1,2%          |
| <b>Total</b> | <b>15.335,5</b> | <b>13.750,9</b> | <b>13.122,9</b> | <b>13.444,2</b> | <b>11,5%</b>  | <b>4,8%</b>   | <b>-2,4%</b>  |

Fonte: Associação Portuguesa de Seguradores.

O volume de negócios do sector segurador foi, uma vez mais, impulsionado pela expansão de cerca de 18% no segmento Vida, onde o total dos prémios atingiu os 11 mil milhões de euros.

Para esta evolução, pesaram muito positivamente os produtos PPR, cujos prémios ou contribuições aumentaram 45% (para perto de 2,5 mil milhões de euros).

Em sentido inverso ao do ramo Vida, evoluiu o volume dos prémios dos ramos Não Vida que atingiu 4,3 mil milhões de euros, caindo mais de 1%, com forte influência dos seus dois maiores ramos, Automóvel e Acidentes de Trabalho, que apresentaram mesmo evoluções negativas. Ambos condicionados pela fraca performance da nossa economia e por uma intensa concorrência entre os operadores deste sector de actividade.

Relativamente aos custos com sinistros de seguro directo Não Vida, registou-se até ao final do terceiro trimestre do ano, um crescimento de cerca de 2%, fruto de uma ligeira aceleração dos montantes pagos e de um decréscimo da variação da provisão para sinistros. O correspondente impacto na taxa de sinistralidade líquida de resseguro, do segmento Não Vida foi um agravamento de 0,8 pontos percentuais até Setembro de 2008.

O ano de 2008 veio reforçar a tendência registada em 2007 aumentando o grau de concentração no mercado segurador nacional, sendo que os cinco maiores grupos seguradores foram responsáveis por cerca de 74% dos prémios emitidos, o que compara com os 69% registados no final de 2007.

### *Análise dos Ramos Não Vida*

O volume de prémios de seguro directo no segmento Não Vida apresentou, face a 2007, um decréscimo na ordem dos 1,3%. Este comportamento surge como consequência do moderado crescimento económico verificado em 2008 e que já se tinha feito sentir em 2007, com um crescimento nominal de 0,5% e um crescimento real também negativo.

#### **Prémios de Seguro Directo (Milhões de euros)**

| Ramos        | 2008           | 2007           | 2006           | 2005           | Var.<br>08/07 | Var.<br>07/06 | Var.<br>06/05 |
|--------------|----------------|----------------|----------------|----------------|---------------|---------------|---------------|
| Automóvel    | 1.809,7        | 1.943,9        | 2.003,4        | 1.997,4        | -6,9%         | -3,0%         | 0,3%          |
| Ac. Trabalho | 741,1          | 762,5          | 773,6          | 778,8          | -2,8%         | -1,4%         | -0,7%         |
| Incêndio     | 731,7          | 705,9          | 688,9          | 684,5          | 3,7%          | 2,5%          | 0,6%          |
| Doença       | 486,8          | 440,5          | 408,4          | 372,4          | 10,5%         | 7,8%          | 9,7%          |
| Ac. Pessoais | 172,0          | 169,2          | 168,3          | 160,3          | 1,7%          | 0,5%          | 5,0%          |
| Outros Ramos | 382,4          | 359,6          | 318,7          | 314,6          | 6,3%          | 12,9%         | 1,3%          |
| <b>Total</b> | <b>4.323,8</b> | <b>4.381,6</b> | <b>4.361,3</b> | <b>4.307,9</b> | <b>-1,3%</b>  | <b>0,5%</b>   | <b>1,2%</b>   |

Fonte: Associação Portuguesa de Seguradores.

No segmento Não Vida, acentuou-se o decréscimo do volume de prémios de seguro directo do maior ramo – Automóvel – agora da ordem dos 7%, reflectindo a tendência de diminuição do prémio médio cobrado aos clientes e a redução das vendas no sector automóvel, ainda que quase 1/3 daquela queda se explique simplesmente pela alteração legislativa na contabilização da contribuição para o Fundo de Garantia Automóvel, antes integrada no prémio e actualmente, por imposição legal, cobrada como taxa parafiscal.

Mais grave, embora de menor dimensão, foi a descida verificada nos seguros de Acidentes de Trabalho (-3%), reflexo em parte da diminuição da actividade económica, mas que, muito provavelmente, não foi acompanhada de uma evolução em baixa dos custos com sinistros, do que decorrerá um novo agravamento da sua já elevada taxa de sinistralidade.

O seguro de Doença manteve o seu dinamismo apresentando um crescimento de prémios em torno dos 11%. É uma evolução que se enquadra bem numa tendência já com vários anos de existência, explicável pelas insuficiências e ineficiência do sistema de saúde público, pela

*[Handwritten signature]*

crecente preocupação da população com o acesso aos cuidados de saúde e pela versatilidade, abrangência e acessibilidade deste tipo de seguros.

De resto, muitos outros ramos Não Vida tiveram até um comportamento satisfatório, em alguns deles não dissociável das próprias dificuldades económicas, que tendem a estimular a procura de protecção por via do seguro. É o caso dos seguros de crédito, instrumento que protege as empresas contra o risco de incumprimento por parte dos seus devedores, cujos prémios cresceram mais de 47% face ao ano anterior.

Relativamente aos custos com sinistros de seguro directo Não Vida, verificou-se um crescimento de cerca de 2% até ao terceiro trimestre de 2008 e face a igual período do ano anterior. Este agravamento é mais evidente nos ramos de Incêndio e de Outros. No ramo Automóvel, a taxa de sinistralidade permanece em contenção (-0,3 pontos percentuais), mas agora de forma bem menos expressiva do que até ao 1º semestre (-3,3 pontos percentuais).

#### Taxas de sinistralidade

| Ramos           | Jan-Set 2008 | Jan-Set 2007 | Jan-Set 2006 | Jan-Set 2005 | 2007         | 2006         | 2005         |
|-----------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Acidentes       | 75,4%        | 72,4%        | 67,9%        | 68,5%        | 77,2%        | 77,8%        | 71,4%        |
| Doença          | 76,5%        | 77,4%        | 77,7%        | 77,0%        | 82,8%        | 84,4%        | 85,2%        |
| Incêndio        | 50,9%        | 46,9%        | 46,7%        | 43,0%        | 46,9%        | 52,0%        | 43,1%        |
| Automóvel       | 70,5%        | 70,8%        | 69,5%        | 70,1%        | 70,6%        | 69,3%        | 70,3%        |
| Outros Ramos    | 59,6%        | 58,5%        | 54,4%        | 48,9%        | 57,5%        | 71,6%        | 56,1%        |
| <b>Não Vida</b> | <b>69,5%</b> | <b>68,7%</b> | <b>66,9%</b> | <b>66,7%</b> | <b>70,1%</b> | <b>71,0%</b> | <b>68,4%</b> |

Nota: Taxas calculadas sobre prémios emitidos. Os custos com sinistros incluem montantes pagos, variação da provisão p/sinistros e custos de gestão imputados. As taxas apresentadas são líquidas de efeito de resseguro.

## 2. Síntese Global da Actividade da Ocidental Seguros

Dependendo da perspectiva, 2008 tem sido descrito como o pior ano em termos económicos desde a Segunda Guerra Mundial, ou desde a Grande Depressão dos anos 30 do século passado. A turbulência que teve início no sector bancário nos Estados Unidos afectou os mercados financeiros e rapidamente se espalhou a nível mundial, tendo-se tornado numa crise económica que já se confirmou como sendo uma recessão global, e que se poderá tornar numa depressão em alguns dos países mais desenvolvidos.

Mesmo neste ambiente económico negativo, a Ocidental Seguros conseguiu aumentar o volume de prémios de seguro directo, ultrapassando o desempenho do mercado: a receita total cresceu 7,1%, que compara com uma variação negativa do mercado de 1,3%.

Em produtos de Venda Activa, o foco nos pilares estratégicos de inovação de produto-mercado e da distribuição multi-canal continuou a produzir resultados bem visíveis. O número de campanhas com objectivos comerciais no Millennium bcp foi um importante motor para o crescimento do negócio em venda activa: o ano de 2008 registou três vezes mais campanhas do que 2007.

A taxa global de anulação aumentou ligeiramente, devido ao ambiente económico (menor rendimento disponível).

As vendas activas de Acidentes Pessoais cresceram 50%, em termos de número de contratos, devido às melhorias da oferta de produto, e impulsionadas pelo dinamismo comercial do Banco, com bons resultados nas campanhas comerciais. O prémio médio cresceu 32%.

O Ramo Saúde cresceu muito acima do mercado em prémios de seguro directo (13%, comparado com os 9% do mercado), com múltiplos canais de distribuição e a força da marca Médis contribuindo positivamente para este resultado.

No que respeita à Venda Associada a produtos bancários, as taxas de penetração, já ao nível das melhores práticas europeias, conseguiram registar um crescimento sustentado, compensando parcialmente o decréscimo de volume dos produtos bancários (especialmente crédito habitação), aumento de *pricing* e ambiente económico recessivo.

Apesar do abrandamento de volume, os indicadores de negócio foram muito positivos: o prémio médio de produtos de protecção ao crédito cresceu 6%, como consequência directa do aumento dos montantes financiados e da duração dos contratos de crédito pessoal, e as taxas de penetração mantiveram-se ao nível das melhores práticas europeias, com processos alinhados e foco comercial que levaram a uma subida de 0,6% para 82,3% em Multiriscos.

Alargar o modelo bancassurance para clientes individuais já tinha provado não ser suficiente para atingir os ambiciosos objectivos da Millenniumbcp Fortis. A melhor alternativa para expandir o negócio em Não Vida foi desenvolver um novo canal de distribuição, direccionado para novos segmentos, evitando assim uma sobreposição de clientes e custos redundantes.

Um canal de Agentes e Corretores que abordasse o mercado Não Vida de Clientes Empresa foi a forma encontrada para incrementar o volume de prémios e resultados a médio prazo. Os primeiros resultados apareceram ao longo de 2008, com os volumes de prémios a chegarem perto dos 7,8 milhões de euros, maioritariamente concentrados na Saúde (6,5 milhões de euros). O potencial deste novo canal é elevado, bem como a ambição comercial, com um portal de serviço disponível a partir de 2009 e com os Agentes e Corretores a ficarem mais firmemente ligados à Companhia.

Melhorar o serviço para atingir uma operativa de excelência foi uma das metas estratégicas de 2008. Como consequência de um alinhamento melhorado entre *front & back office*, do estabelecimento de níveis de serviço ainda mais ambiciosos, os níveis de satisfação dos Clientes internos e finais não inflectiram a tendência crescente. O efeito combinado de níveis de serviço atingidos pelo Centro de Contactos e o crescente empenho da estrutura comercial da Companhia em apoiar o esforço de vendas do Banco colocou os níveis de satisfação internos num nível histórico.

### *Síntese da evolução económico-financeira*

O volume de **prémios de seguro directo** atingiu 178.408 milhares de euros, valor que compara favoravelmente com os 166.605 milhares de euros do exercício anterior. Daqui resulta um crescimento absoluto de 7,1% para o período, quando o mercado apresentou um decréscimo na ordem dos 1,3%.

A **sinistralidade**, entendida como o rácio entre as indemnizações, antes de custos imputados, e os respectivos prémios adquiridos, fixou-se nos 49,8%, valor superior ao verificado em 2007 de 46,0% mas bastante abaixo do mercado, reflectindo a rigorosa política de subscrição prosseguida em 2008.

No prosseguimento da política de resseguro da companhia, o **custo líquido do resseguro**, medido pelos prémios de resseguro cedido, deduzidos das respectivas comissões, diminuiu para 62,3% da receita processada de prémios neste exercício, face aos 62,8% de 2007.

P. 17

Em 2008, apesar do aumento da receita processada, da diminuição do custo do resseguro e do bom desempenho a nível de sinistralidade, o **resultado técnico** decresceu 4,7%, situando-se nos 17.326 milhares de euros, o que corresponde a 9,7% dos prémios brutos emitidos. Tal deve-se à muito acentuada redução dos **proveitos financeiros técnicos**, em consequência da crise financeira internacional que se instalou nos últimos meses de 2008 e obrigou à realização de menos valias na carteira da companhia. Assim, os proveitos financeiros técnicos do exercício decresceram 581,7% situando-se num custo de 2.417 milhares de euros face ao proveito de 502 milhares de euros registado em 2007. Retirando o efeito dos proveitos financeiros técnicos, o **resultado técnico** situar-se-ia em 2008 nos 19.743 milhares de euros, um crescimento de 11,7% face a aos 17.682 milhares de euros de 2007.

Apesar da inflação de 2,7% registada em 2008, os **gastos administrativos** diminuíram 4,8%, registando 15.979 milhares de euros, o que corresponde a 8,9% dos prémios brutos emitidos face aos 10,1% em 2007.

O **rácio combinado** situou-se nos 71,8%, reflectindo, deste modo, a gestão criteriosa dos sinistros aliada a uma política de controlo rigoroso dos custos administrativos.

A conjugação da evolução da margem técnica e dos custos de exploração, bem como a redução da **provisão para créditos de cobrança duvidosa** no exercício, originaram que os **resultados antes de impostos** se situassem nos 20.707 milhares de euros, 11,6% da receita processada e 1.580 milhares de euros acima do valor de 2007. O **resultado líquido** após impostos cifrou-se em 14.440 milhares de euros.

O **activo líquido** da Ocidental Seguros cifrou-se em 252.127 milhares de euros e o **capital próprio** em 36.532 milhares de euros, um crescimento de 24,7% face ao exercício anterior. A cobertura do activo pelos capitais próprios cifrou-se em 14,5%. O **rácio de solvência** situou-se em 234%, no entanto, tendo em conta a proposta de aplicação de resultados apresentada e, após distribuição de dividendos, este mesmo rácio situou-se em 175% em 2008.

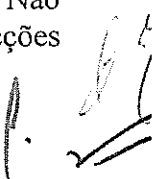
### 3. Proposta de Aplicação de Resultados

O resultado líquido de impostos da Ocidental – Companhia Portuguesa de Seguros, S.A. foi de Euros 14.439.608,77 (catorze milhões quatrocentos e trinta e nove mil seiscentos e oito euros e setenta e sete cêntimos), considerando o que consta do relatório do Conselho de Administração e nos termos da alínea b) do nº. 1 do artigo 376º. do Código das Sociedades Comerciais, propõe-se a seguinte aplicação:

- Euros 1.443.960,88 (um milhão quatrocentos e quarenta e três mil novecentos e sessenta euros e oitenta e oito cêntimos) para reserva legal;
- Euros 8.800.000,00 (oito milhões e oitocentos mil euros) para dividendos a distribuir;
- Euros 4.195.647,89 (quatro milhões cento e noventa e cinco mil seiscentos e quarenta e sete euros e oitenta e nove cêntimos) para resultados transitados.

### 4. Perspectivas para 2009

O principal objectivo para o exercício de 2009 será o aumento do peso relativo do negócio Não Vida no portfolio global do Millenniumbcp Fortis. Os desafios, a que corresponderão acções específicas ao nível de produtos, serviços e canais de distribuição serão:





- Aumentar o contributo da venda activa em bancassurance por via da inovação na oferta de produtos, através do crescimento do número de novas apólices e do aumento dos prémios médios;
- Crescer as taxas de penetração e o prémio médio da venda associada a produtos bancários, assim como enriquecer a venda associada ao crédito habitação, por forma a compensar o expectável decréscimo dos volumes em consequência do abrandamento na cedência de crédito;
- Melhoria da qualidade do serviço, com vista à consecução do objectivo estratégico de excelência operacional transversal a toda a organização;
- Consolidar o novo canal de negócio direccionado ao segmento de PME, que distribui principalmente através de uma rede criteriosamente seleccionada de agentes e corretores, no seguimento do que já a Médis vinha efectuando desde 2005, com êxito assinalável.

Naturalmente que ao esforço de inovação e segmentação corresponderá, como nos exercícios anteriores, um forte investimento na melhoria da qualidade do serviço prestado aos Clientes externos e internos, através do desenvolvimento de processos robustos e inovadores, e do empenho de uma equipa de colaboradores profissional e fortemente motivada, que incorpora na actividade diária os valores essenciais da excelência operativa, da eficiência operacional e da orientação para o Cliente.

## **Referências**

O Conselho de Administração expressa o seu agradecimento a todos aqueles que contribuíram para os resultados alcançados:

- Aos Clientes pela confiança que continuaram a demonstrar.
- Às Redes Bancárias pela forte motivação comercial manifestada.
- Aos Colaboradores que, com entusiasmo, participaram com a sua contribuição e esforço.
- Ao Instituto de Seguros de Portugal e à Associação Portuguesa de Seguradoras pelo empenho que sempre demonstraram no desenvolvimento das Seguradoras.
- Aos Senhores Accionistas pela compreensão, apoio e confiança sempre manifestados.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 2009

O Conselho de Administração,

